

2018

O Investimento Estrangeiro Direto na América Latina e no Caribe



NAÇÕES UNIDAS





2018

O Investimento Estrangeiro Direto na América Latina e no Caribe



NAÇÕES UNIDAS



POR UM DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL COM IGUALDADE

Alicia Bárcena
Secretária Executiva

Mario Cimoli
Secretário Executivo Adjunto Interino e Diretor da Divisão
de Desenvolvimento Produtivo e Empresarial

Raúl García-Buchaca
Secretário Executivo Adjunto para Administração
e Análise de Programas

Ricardo Pérez
Diretor da Divisão de Publicações e Serviços Web

O presente relatório *O investimento estrangeiro direto na América Latina e no Caribe* é a edição correspondente a 2018 da série anual publicada pela Unidade de Investimentos e Estratégias Empresariais da Divisão de Desenvolvimento Produtivo e Empresarial da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Sua elaboração esteve a cargo de Álvaro Calderón, Mathilde Closset, Felipe Correa, Miguel Pérez Ludeña e, Cecilia Plottier, sob a coordenação de Giovanni Stumpo. As bases de dados foram elaboradas por Leandro Cabello.

Recebemos contribuições e comentários de Mario Cimoli, Hugo Beteta, Alejandra Acevedo, Olga Lucía Acosta, Mariano Álvarez, Claudio Aravena, María Paz Collinao, Martha Cordero, Cambiz Daneshvar, Claudia de Camino, Julia de Furquim, Olaf de Groot, Sebastián Herreros, Valentina Leiva, Pauline Leonard, Jorge Mario Martínez, Carlos Mussi, Georgina Núñez, Ramón Padilla, Yu Ri Park, Wilson Peres, Laura Póveda, Juan Carlos Ramírez e Fernando Rojas, bem como contribuições dos Consultores Jorge Carrillo, Redí Gomis e Saúl de los Santos.

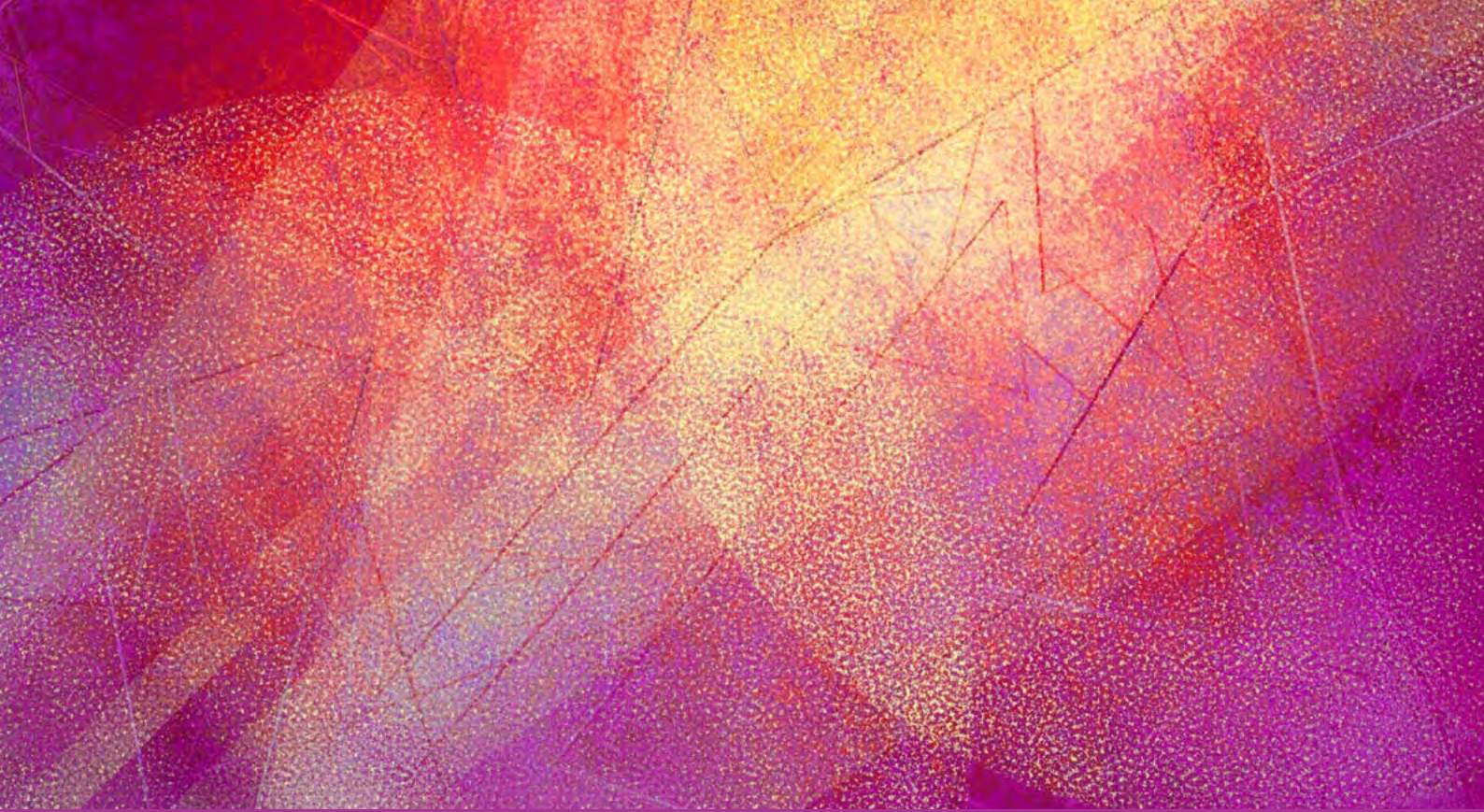
Agradecemos a contribuição das autoridades governamentais e dos executivos de empresas consultados para a elaboração do documento.

As observações e sugestões sobre o conteúdo deste documento podem ser dirigidas a Giovanni Stumpo (giovanni.stumpo@un.org) e Cecilia Plottier (maria.plottier@un.org).

Os limites e os nomes que figuram nos mapas deste documento não implicam seu apoio ou aceitação oficial pelas Nações Unidas.

Notas explicativas

- Os três pontos (...) indicam que os dados faltam, não constam separadamente ou não estão disponíveis.
- O travessão (-) indica que a quantidade é nula ou desprezível.
- A vírgula (,) é usada para separar os decimais.
- A palavra "dólares" refere-se a dólares dos Estados Unidos, salvo indicação em contrário.
- A barra (/) colocada entre cifras que expressem anos (por exemplo, 2013/2014) indica que a informação corresponde a um período de 12 meses que não coincide necessariamente com o ano civil.
- Já que às vezes se arredondam as cifras, os dados parciais e as percentagens apresentadas nos quadros nem sempre somam o total correspondente.



Resumo executivo

- A. O investimento estrangeiro direto na América Latina e no Caribe
- B. Manufatura avançada no México
- C. Plataformas exportadoras na América Central e na República Dominicana
- D. A União Europeia, principal fonte de investimento estrangeiro de qualidade para a América Latina e o Caribe

A. O investimento estrangeiro direto na América Latina e no Caribe

Em 2017 aprofundaram-se algumas tendências no cenário econômico mundial que geraram um clima de incerteza para os investimentos transfronteiriços. Em particular, confirmaram-se anúncios de possíveis restrições comerciais e pressões para realocar a produção nos países desenvolvidos. Ao mesmo tempo, as autoridades da China tomaram medidas para restringir as saídas de investimento estrangeiro direto (IED), a fim de ajustá-las ao plano estratégico do país. A esses elementos deve-se acrescentar a expansão das empresas digitais, que requerem um menor investimento em ativos tangíveis para crescer em escala internacional e estão fortemente concentradas nos Estados Unidos e China, o que diminui a necessidade de fusões e aquisições transfronteiriças.

Estes aspectos contribuem para explicar a queda do IED mundial em 2017, apesar de um contexto internacional caracterizado por um maior crescimento da economia mundial (3,2%), elevada liquidez internacional, altos lucros para as grandes empresas e otimismo nos mercados financeiros. Neste contexto internacional, em 2017 os fluxos de IED na América Latina e no Caribe diminuíram pelo terceiro ano consecutivo, para 161,673 bilhões de dólares, cifra 3,6% menor que a registrada no ano anterior e 20% abaixo do volume recebido em 2011.

No médio prazo, essa diminuição contínua desde 2011 pode ser explicada pela queda dos preços dos produtos básicos de exportação, que reduziu significativamente os investimentos nas indústrias extrativas, e pela recessão econômica de 2015 e 2016, concentrada principalmente no Brasil. Estas duas tendências, porém, foram parcialmente revertidas em 2017, quando a região retomou o crescimento (1,3% do PIB) e os preços do petróleo e dos metais se recuperaram. Com a elevação dos preços aumentou a rentabilidade do investimento, após vários anos de diminuição, o que também fomentou o reinvestimento de lucros, mas não foi suficiente para obter a recuperação do IED nas indústrias extrativas. Atualmente, nos países sobre os quais dispomos de dados, as entradas de IED no setor primário alcançam somente um terço do nível que apresentavam em 2011 e 2012. Por outro lado, as entradas no setor de serviços diminuíram somente 11% e na manufatura se mantiveram estáveis.

Enquanto em 2016 ocorreram reduções nas entradas de IED na grande maioria dos países da região, em 2017 o IED aumentou na maioria deles. A queda se concentrou no Brasil (em que o IED diminuiu 9,7%), no Chile (onde diminuiu 48,1%) e, em menor medida, no México (veja o gráfico 1).

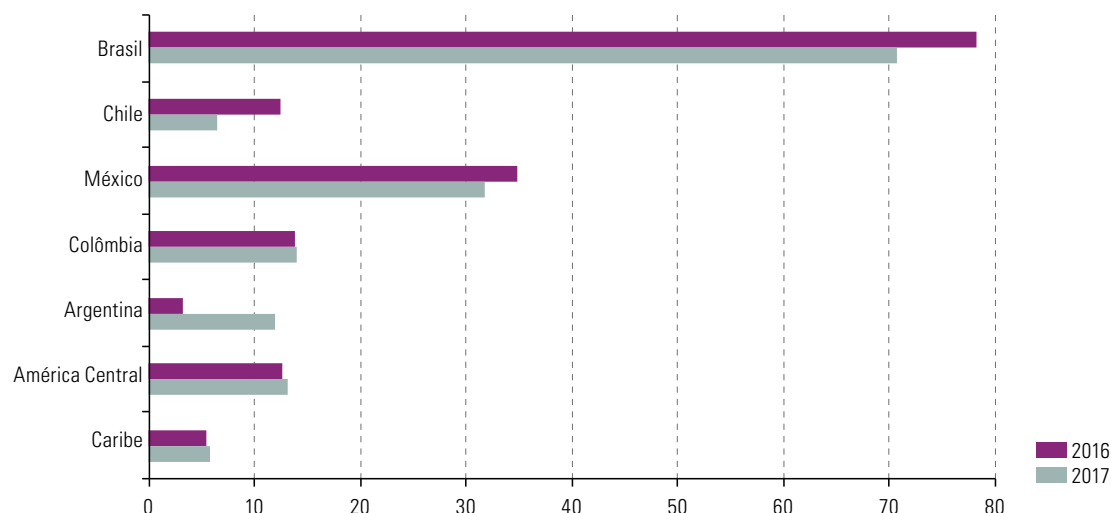
Na América Central, o IED aumentou pelo oitavo ano consecutivo, destacando-se especialmente a elevação no caso do Panamá, que alcançou 6,066 bilhões de dólares. O crescimento do consumo gerou um aumento dos investimentos em serviços, foram implementados novos projetos relacionados com as energias renováveis e as manufaturas para a exportação mostraram sua competitividade, ao aumentar o investimento recebido.

No Caribe, os fluxos cresceram 20%, alcançando 5,835 bilhões de dólares; mais da metade desta cifra se dirigiu à República Dominicana. Nos países do Caribe foi muito importante o aumento dos investimentos no setor turístico, mas o investimento também aumentou no setor dos recursos naturais na Guiana e Jamaica.

Gráfico 1

América Latina e Caribe (regiões e países selecionados): fluxos de entrada de investimento estrangeiro direto (IED), 2016-2017

(Em bilhões de dólares)



Fonte: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), com base em cifras e estimativas oficiais em 6 de junho de 2018.

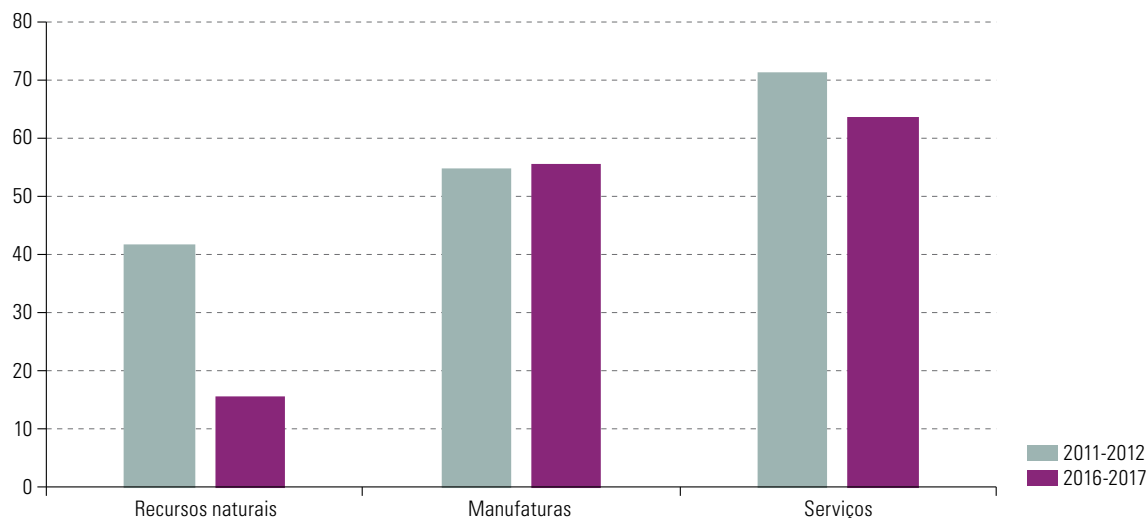
No médio prazo, ocorreu uma recomposição das entradas de IED, dado que diminuíram no setor dos recursos naturais e aumentaram nos de serviços e manufaturas. No setor de serviços, destaca-se o crescimento dos investimentos em energias renováveis e telecomunicações. Com respeito ao setor manufatureiro, continua o aumento, no México e no Brasil, do IED na indústria automotiva, que em 2017 registrou níveis máximos históricos em ambos os países. Esta recomposição apresenta oportunidades para focalizar os investimentos nos setores com mais capacidade para impulsionar a mudança estrutural e o desenvolvimento sustentável na região, processo que deve ser acompanhado de políticas que apoiem o desenvolvimento de capacidades nos países receptores (veja o gráfico 2).

Os países da União Europeia continuam sendo a principal fonte de IED para a América Latina e o Caribe em seu conjunto, embora seu peso seja maior na América do Sul e menor no México e na América Central, onde predominam os investimentos dos Estados Unidos. Em 2017 aumentou o investimento da China no Brasil, graças à compra de vários ativos no setor elétrico, embora os investimentos estrangeiros de empresas chinesas no âmbito mundial tenham diminuído significativamente.

As saídas de IED dos países da região diminuíram em maior medida do que as entradas, totalizando somente 23,416 bilhões de dólares, menos da metade do nível alcançado em 2014. As empresas multilatinas, que haviam experimentado uma expansão muito forte entre 2006 e 2014, não conseguiram diversificar sua estratégia para além das indústrias extrativas ou a busca de mercados em outros países da região, motivo pelo qual, num contexto de recessão (ou baixo crescimento, conforme o país) e diminuição dos preços do petróleo e dos minerais, tiveram que restringir suas operações no exterior ou, ao menos, frear seu crescimento.

Gráfico 2

América Latina e Caribe: entradas de investimento estrangeiro direto por setores, 2011-2012 e 2016-2017
(Em bilhões de dólares)



Fonte: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), com base em cifras e estimativas oficiais em 6 de junho de 2018.

Nota: Médias anuais. Exclui Dominica, Guiana, Haiti, Jamaica, Paraguai, Peru, Saint Kitts e Nevis, São Vicente e Granadinas, Trinidad e Tobago e Venezuela (República Bolivariana da), por não contar com dados disponíveis. Argentina, Chile, Panamá e Uruguai não dispõem de dados de 2017.

Para 2018 não se prevê uma mudança de tendência no que diz respeito às entradas de IED. Embora persista a elevação de preços dos produtos primários, dificilmente se repetiriam os elevados níveis de IED nas indústrias extrativas de 2011 e 2012, devido, por um lado, ao aumento da capacidade de exploração que ocorreu durante a última década e, por outro, à tendência mundial à descarbonização da economia e uso mais eficiente dos recursos.

As tendências mundiais também apontam para a estabilidade. Apesar do crescimento da economia mundial e da grande liquidez nos mercados financeiros, os fluxos mundiais de IED caíram 23% em 2017 e se mantêm em níveis ainda inferiores aos registrados antes da crise financeira da década passada. A incerteza sobre as políticas comerciais e de investimento de muitos países e o desenvolvimento das empresas digitais, que requerem menor investimento em ativos fixos para sua expansão internacional, redundarão num crescimento do IED mais moderado nos próximos anos.

A região registrou casos de setores nos quais as políticas nacionais de desenvolvimento produtivo e investimentos contribuíram para gerar efeitos positivos sobre o emprego, a produtividade e a sustentabilidade das economias. Neste sentido, destacam-se os investimentos cada vez maiores do setor automotivo no México e Brasil e as manufaturas e serviços para exportação na América Central e República Dominicana. Mas estes casos ainda são insuficientes para conseguir uma transformação produtiva na região. Isto quer dizer que as políticas de atração de IED deverão estar integradas nos planos de desenvolvimento sustentável da região, atribuindo especial importância ao aumento das capacidades locais, tanto para atrair IED como para beneficiar-se dele.

B. Manufatura avançada no México

Nas últimas décadas, a estrutura produtiva do México experimentou uma mudança profunda, em que a manufatura destinada à exportação foi a principal protagonista. Apesar de a origem da atual orientação exportadora do México estar associada, em boa medida, aos programas de fomento industrial e de criação de empregos na fronteira norte (as chamadas indústrias “maquiladoras”), esta se consolida a partir da incorporação do país ao Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), da abertura comercial e financeira e da assinatura do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), que é quando se acelera o dinamismo do comércio exterior e das entradas de IED.

Entre 2010 e 2017, o setor manufatureiro (especialmente a indústria automotiva, eletrônica e aeroespacial) foi responsável por 54% das entradas de IED e 85% das exportações. Contudo, o avanço tecnológico está modificando rápida e profundamente a maneira de produzir, as características dos bens e serviços, as fronteiras dos setores, os modelos de negócio e as preferências dos consumidores, entre outros fatores.

Em 2017, a indústria automotiva registrou níveis históricos de produção, exportações e IED, apesar da incerteza gerada pela renegociação do NAFTA. Atualmente, nove dos dez maiores fabricantes dessa indústria e a grande maioria dos fornecedores de primeiro nível do mundo têm operações no México. Existem aproximadamente 2.600 produtoras de partes, peças e componentes, sendo cerca de 600 do primeiro nível. Em 2017, o México era o sétimo produtor e o quarto exportador de veículos e o sexto produtor de peças para automóveis. Não obstante, as operações locais no subsetor de peças para automóveis continuam sendo intensivas em importações e mão de obra e estão concentradas em atividades manufatureiras simples vinculadas com a montagem. Isto faz com que a cadeia de fornecimento ainda esteja pouco integrada com o resto da economia, o que limita a participação de empresas locais de menor tamanho.

No México, os principais segmentos da indústria eletrônica são liderados por empresas estrangeiras. Entre 1999 e 2017, a indústria recebeu cerca de 20 bilhões de dólares em IED, o que se traduziu em exportações no valor de 66 bilhões de dólares e, após vários anos de déficit, um superávit de 2,5 bilhões de dólares em 2017. Esses déficits são devidos à dependência de insumos e componentes importados. O México é o segundo maior exportador mundial de equipamentos eletrônicos (principalmente televisores), o terceiro de computadores e o quinto de equipamentos de comunicações. Apesar de registrar algum progresso no âmbito local, graças a políticas públicas e iniciativas de algumas empresas, a indústria eletrônica continua mostrando escassos avanços em termos de valor agregado local e desenvolvimento de capacidades.

Nos últimos anos, a indústria aeroespacial mexicana mostrou grande dinamismo, como resultado do aumento da demanda de viagens e da renovação da frota das principais companhias de transporte aéreo. Embora a fabricação de aviões esteja muito concentrada em poucas empresas, a forte concorrência entre elas estimulou a fragmentação e a realocação produtiva. Neste cenário, e aproveitando as capacidades desenvolvidas pela indústria automotiva, o México começou a se posicionar como uma localização atraente. Entre 1999 e 2017, a indústria recebeu cerca de 3,2 bilhões de dólares de IED e, em 2017, gerou exportações no valor de 3,7 bilhões de dólares e um superávit comercial de 1 bilhão de dólares. Atualmente, existem cerca de 300 empresas, em sua imensa maioria estrangeiras, especializadas em fabricar peças e componentes para aviões montados fora do México. Nos últimos cinco anos, o México se posicionou em terceiro lugar, depois da China e dos Estados Unidos, como destino dos anúncios de IED realizados pelas principais empresas da indústria.

Os resultados desses três setores foram muito positivos, embora também se tenha acentuado a polarização. Atualmente, coexistem setores produtivos articulados e integrados nas cadeias globais de valor com atividades tradicionais de baixa produtividade e distantes da fronteira tecnológica. Por trás dessa dinâmica, encontra-se o lento progresso em termos de agregação de valor às exportações e de incorporação de empresas locais de menor tamanho às cadeias produtivas lideradas por empresas multinacionais. Além disso, a falta de continuidade das políticas públicas impossibilitou a realização de avanços substantivos no desenvolvimento de capacidades locais que permitam acompanhar o avanço tecnológico e aprofundar a integração produtiva.

C. Plataformas exportadoras na América Central e na República Dominicana

Na década de 1980, as empresas estrangeiras começaram a implantar, nos países da América Central e na República Dominicana, instalações para fabricar bens intensivos em mão de obra focados no mercado dos Estados Unidos. Desde então, estas indústrias exportadoras mudaram muito, mas continuam baseando sua competitividade no baixo custo da mão de obra e num bom acesso ao mercado dos EUA.

A confecção foi a primeira indústria que se desenvolveu e agora está presente em todos os países da sub-região, menos na Costa Rica e Panamá. Com o término do Acordo Multifibras em 2005, esta indústria foi gravemente afetada pela concorrência da Ásia, mas, mediante o desenvolvimento da cadeia de valor, conseguiu adaptar-se e fazer com que a resposta às demandas do mercado dos Estados Unidos seja muito mais rápida a partir da América Central do que da Ásia. Neste sentido, destaca-se o esforço público-privado realizado em El Salvador com respeito à cadeia dos artigos esportivos, que permitiu ao país oferecer o “pacote completo”, ou seja, toda a cadeia de valor, desde a confecção dos fios até o empacotamento dos produtos. Outros países da região também evoluíram nesta direção.

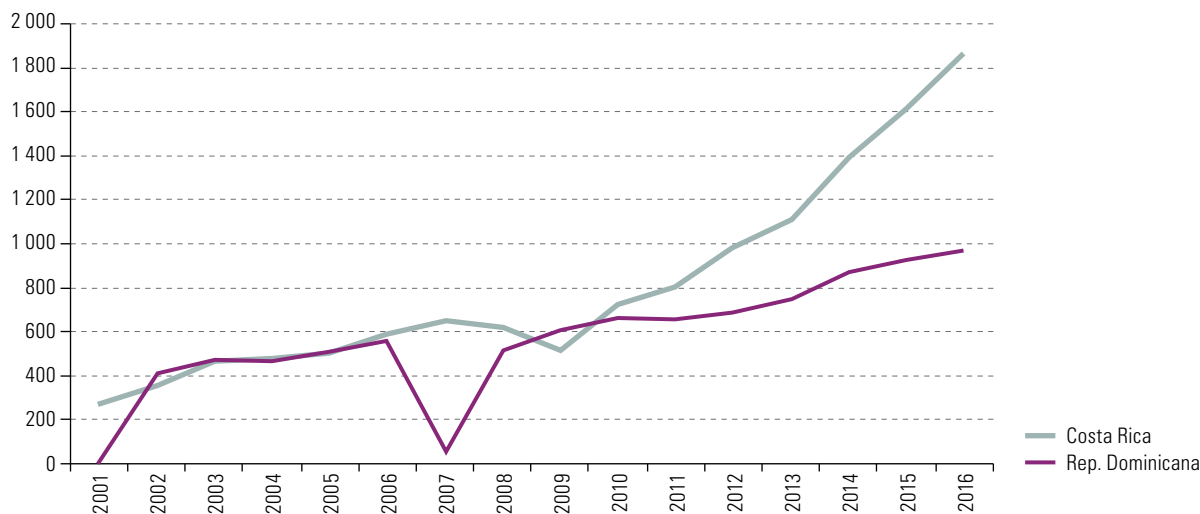
A segunda indústria a desenvolver-se foi a eletrônica, mas, após o fechamento da fábrica da Intel na Costa Rica em 2014, o valor das exportações caiu muito. De qualquer maneira, ainda é uma indústria relevante, especialmente em Honduras e na Nicarágua, onde nos últimos anos foram instaladas fábricas destinadas à elaboração de sistemas de fiação para automóveis, que se integram na indústria automotiva da América do Norte.

Enquanto as exportações de confecções e produtos eletrônicos não aumentaram nos últimos dez anos, os dispositivos médicos fabricados na Costa Rica e na República Dominicana são um produto cada vez mais demandado nos Estados Unidos, e isto se reflete no crescimento das exportações (veja o gráfico 3). Na Costa Rica, esta indústria se desenvolveu notavelmente: não só aumentou o valor das exportações, mas também ocorreu uma evolução no tipo de produtos exportados, dado que os dispositivos descartáveis (de menor valor agregado) estão sendo substituídos por outros produtos mais sofisticados.

Gráfico 3

Costa Rica e República Dominicana: exportações de dispositivos médicos, 2001-2016

(Em milhões de dólares)



Fonte: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), com base na Base de Dados Estatísticos das Nações Unidas sobre o Comércio de Produtos Básicos (COMTRADE).

Ainda maior é o crescimento da exportação de serviços, especialmente notável na Costa Rica, Panamá e República Dominicana, mas presente em todas as economias da região. Esses serviços incluem os centros de atendimento, mas também serviços empresariais mais sofisticados (jurídicos ou contábeis, entre outros) ou, no caso da Costa Rica, inclusive centros de pesquisa e desenvolvimento.

O crescimento dos serviços e da manufatura de exportação se baseou principalmente na disponibilidade de mão de obra barata. Embora a evolução para atividades de maior valor agregado que ocorreu nesses anos tenha aumentado a qualificação de muitos trabalhadores (e seu salário), as empresas ainda se instalam nesses países para reduzir seus custos de mão de obra. Neste contexto, os progressos técnicos que possibilitam uma maior automatização dos processos podem frear o desenvolvimento destas indústrias e, inclusive, eliminar sua necessidade de buscar localizações onde os custos da mão de obra sejam menores. Enquanto o processo de substituição de trabalhadores por robôs na confecção de roupas ainda se encontra em etapas iniciais, nos serviços empresariais à distância, o uso de *software* para substituir os funcionários de escritório já se generalizou em muitas empresas. Para enfrentar este desafio, os países da região deverão avançar mais na capacitação da mão de obra e oferecer uma estrutura industrial que permita executar operações mais complexas, bem como um sistema de inovação que atraia investimentos em novos modos de produção.

Outro desafio é a excessiva concentração das exportações no mercado dos Estados Unidos, que chega a 90% no caso das manufaturas e que apenas no caso dos dispositivos médicos da Costa Rica se atenuou em certa medida nos últimos anos. Se as condições de entrada no mercado dos Estados Unidos mudarem, as empresas instaladas nesses países poderiam se encontrar numa situação de desvantagem frente a outros competidores.

D. A União Europeia, principal fonte de investimento estrangeiro de qualidade para a América Latina e o Caribe

As empresas dos países da União Europeia representam uma fonte de investimento muito importante para a América Latina e o Caribe. Cerca de 41% dos ativos acumulados de IED na região (o acervo de IED) são de empresas europeias, e esta presença é particularmente importante na América do Sul. O IED europeu é dominado principalmente pela Espanha, que representou 29% dos investimentos europeus em projetos novos na região e 29% do valor das fusões e aquisições europeias no período 2005-2017. Alemanha (16%), Reino Unido (13%), Itália (12%) e França (11%) são os outros países investidores mais destacados em projetos novos na região.

Além das quantias investidas, as empresas da União Europeia se destacam por sua capacidade tecnológica em alguns setores em que contam com importantes investimentos na América Latina e no Caribe. Em particular, as empresas europeias de energias renováveis e telecomunicações e o setor automotivo investem em pesquisa e desenvolvimento (P&D) quantias muito superiores às de suas equivalentes nos Estados Unidos ou na Ásia. Este esforço de pesquisa é um indicador do potencial que o IED destas empresas pode ter para contribuir ao desenvolvimento das economias da região.

Embora o IED europeu na região esteja muito diversificado, observa-se que, depois da finalização do ciclo de altos preços das matérias-primas, as energias renováveis, as telecomunicações e a indústria automotiva são precisamente os três setores que adquiriram maior importância para os investimentos das empresas europeias na América Latina.

Entre 2005 e 2017, os projetos de investimento de firmas europeias na América Latina em energias renováveis representaram 65% do total nesse setor. Em telecomunicações, as empresas europeias alcançaram 43% do total no mesmo período, enquanto no setor automotivo a média tem sido de 35%, superior à das empresas dos Estados Unidos (29%) (veja o gráfico 4).

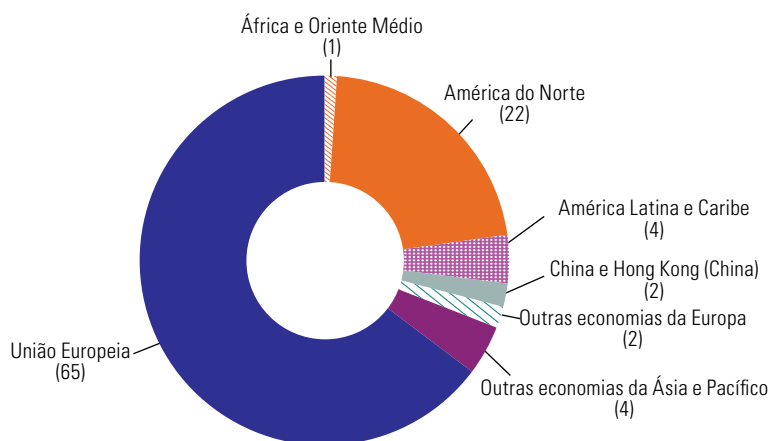
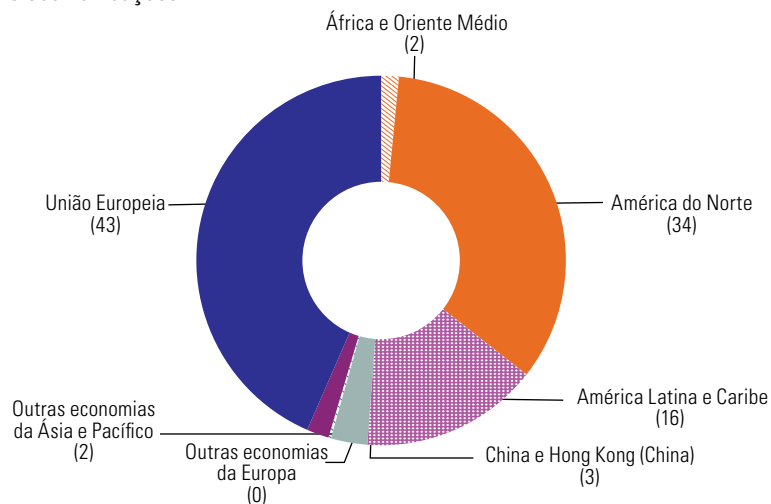
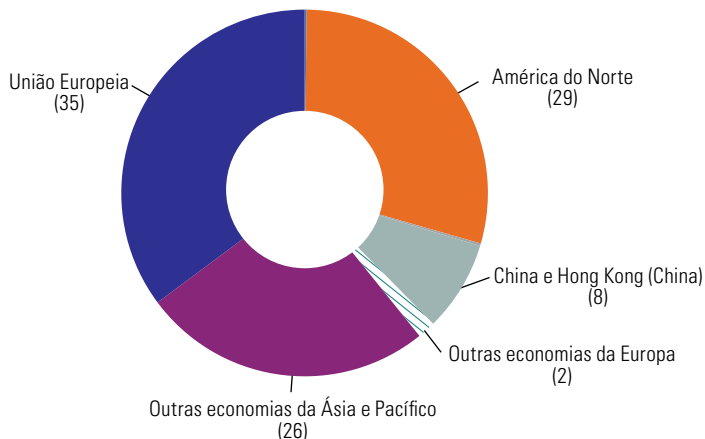
Estes valores ajudam a entender a magnitude da presença das empresas multinacionais europeias na América Latina e, ao mesmo tempo, ressaltam a oportunidade que esses investimentos representam para o fortalecimento da estrutura produtiva dos países da região. Por sua vez, a América Latina constitui uma oportunidade de crescimento para muitas empresas europeias (que encontram, em seus respectivos países, mercados com pouco potencial de crescimento), bem como um espaço para diversificar os riscos. Entre 2010 e 2014, muitas empresas europeias, em particular espanholas, obtiveram a maior parte de seus lucros de operações na América Latina.

Com respeito às energias renováveis (a União Europeia lidera as políticas de apoio a este setor desde a década de 1990), o mercado que se abriu na América Latina na segunda década deste século representou uma oportunidade de crescimento para numerosas empresas que tiveram suas possibilidades limitadas devido à crise fiscal que afetava muitos países europeus naquele momento.

De fato, a relação entre a União Europeia e a América Latina e o Caribe no que diz respeito ao IED é particularmente sólida e apresenta vantagens para ambas as partes. Se os países da região pretendem aproveitar as possibilidades que estes investimentos oferecem, devem promover políticas nacionais que fomentem o desenvolvimento de uma estrutura produtiva (redes de fornecedores de bens e serviços) que, por um lado, favoreça as decisões de investimento das multinacionais europeias e, por outro, permita a transferência de conhecimentos e tecnologia para os territórios locais. Existem experiências neste sentido em vários países da região, em particular no setor das energias renováveis e na indústria automotiva, mas ainda não se conta com uma estratégia integral para o IED.

Gráfico 4

América Latina e Caribe: distribuição dos investimentos em energias renováveis, telecomunicações e setor automotivo, por região de origem, 2005-2017
(Em porcentagens)

A. Energias renováveis**B. Telecomunicações****C. Setor automotivo**

Fonte: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), com base em Financial Times, fDi Markets [base de dados on-line] <https://www.fdimarkets.com/>.

www.cepal.org



Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL)
Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL)
www.cepal.org